

FAB tenta localizar o nono corpo da expedição dizimada



UMA DAS OSSADAS QUE A EQUIPE DE BUSCAS DA FAB ENCONTROU NO LOCAL DO MASSACRE



OS HOMENS DO SAR FAZEM O ENSACAMENTO DOS DESPOJOS PARA O TRANSPORTE



OS DESPOJOS SÃO RETIRADOS DOS SACOS, DEPOIS DE TRANSPORTADOS PARA MOURA



O CRANIO DO PADRE FOI LOGO RECONHECIDO



OS DESPOJOS VAO PARA OS HELICOPTEROS

MANAUS (Da Nonato Machado e Jorge Peter, enviados especiais) — As buscas nas áreas adjacentes à Maloca da Esperança prosseguem, num último esforço para tentar localizar os despojos do nono membro da expedição do Padre Calleri, massacrado pelos índios Atroaris. Oito corpos já foram encontrados, inclusive os restos das 2 mulheres que integravam a expedição, identificados pelos cabelos com prendas e peças íntimas que estavam junto aos despojos.

O Serviço de Busca e Salvamento da FAB encontrou sábado, nas proximidades da Maloca da Esperança, onde o Padre Calleri havia construído seu acampamento avançado, os crânios esmagados e ossos quebrados e colapsos de facês. Os esqueletos estavam incompletos, mas foi possível identificar o crânio do Padre Calleri pelo dente de ouro e obturações de platina.

Os despojos

A cerca de duzentos metros da barraca construída para instalação do rádio-transmissor foram encontrados dois corpos juntos. Mais adiante, sempre à margem do rio, estavam mais seis corpos, alguns semicobertos pela água, que pareciam ter subido de nível devido às intensas chuvas caídas recentemente.

• Durante duas horas e meia os homens do SAR e os sertanistas da Fundação Nacional do Índio vasculharam a área adjacente à "Maloca da Esperança".

A área foi dividida em quatro subáreas, tendo como centro a Maloca, ao lado de outra ainda em construção, formando as duas uma linha perpendicular ao rio Santo Antônio.

Os despojos foram encontrados na subárea nº 1 que, como a de nº 3, fica à margem do rio. Ali estava a barraca feita pelos homens do Padre Calleri para instalação do transmissor. Também foi ali que o pessoal do SAR encontrou os objetos da expedição, inclusive um par de botas quase novas. Nas proximidades da "Maloca da Esperança" é que Alvaro Paulo da Silva disse ter visto os corpos, ao prestar depoimento, dia 23 ao Tenente Ribas, coordenador-geral da missão de busca do Padre Calleri.

Nas buscas de sábado Alvaro não tomou parte por se achar com ataque de malária. Mas foi ele quem reconheceu os corpos, já em Moura, para onde os despojos foram transportados. O primeiro a ser reconhecido, pelo serviço de prótese — um dente de ouro e duas obturações de platina — foi o do Padre Calleri. Participaram das buscas sábado, os sertanistas Gilberto e Peret e os homens do SAR.

As buscas demoraram duas horas e meia, com um total de 12 homens vasculhando a área.

• Para o Comandante Chediak, que era amigo dos atroaris, o massacre foi resultado da inexperiência dos membros da expedição e da disciplina que o Padre Calleri pretendia impor aos índios.

Surpreso com o massacre da expedição do Padre Calleri pelo índio Atroaris, o Comandante Dirceu Peres Chediak,

Pouca restava dos despojos: crânios e ossadas incompletas, algumas peças das roupas destruídas. Em dois esqueletos havia peças íntimas femininas, e ambos tinham os cabelos compridos, o que leva a crer sejam de Marina e Mercedes, as duas mulheres que integravam a expedição. Os despojos foram colocados em sacos e conduzidos a Moura, em helicóptero. Supõe-se que os crânios tenham sido esmagados e facês ou arco, pois, segundo o sertanista Gilberto, os Atroaris não usam bordunas. Alguns corpos estavam com as mãos amarradas, outros os pés, possivelmente para serem arrastados ao local do massacre, a uns duzentos metros do acampamento do padre, junto à estação de rádio. Os corpos foram encontrados pelas equipes do SAR, constituídas por dois helicópteros SH-1D, escoltados pelo avião "Bábalô" que realizou algumas tentativas, devido às densas nuvens que estavam a menos de cem metros do chão. Com a escolta do "aerocomandante" do DNER, que estava incorporado à esquadrilha desde o início das buscas, foi realizado o maior número de missões, conhecendo, portanto, perfeitamente a área, foi finalmente possível descer no local.

A equipe do SAR

A equipe do SAR que participou da missão é a seguinte: Helicóptero nº 8533; Capitão Lupercio, Tenente Luz, 3º Sargento Ischikura, enfermeiro Suboficial, Tenente Vilar, Tenente Simas, Sargento Powitsk e Sargento Clóvis.

Foram transportados até Manaus por um C-130, trazendo inclusive pessoal de manutenção. O 8531 já fez cerca de 20 horas nesta missão.

Escapou

O mineiro Raul Vilhena, muito conhecido em Manaus, disse a GLOBO que os atroaris não podem ver arma de fogo sem represália imediata. Contou que antes da saída da expedição do Padre Calleri foi convidado pelo próprio padre para integrá-la, por ser profundo conhecedor da região e dos costumes dos indígenas, mas acabou não aceitando o convite. Ele acha que algum membro da expedição deve ter ofendido os índios, daí resultando o massacre. Os atroaris, acrescentou, quando matam brancos costumam descurar os corpos, queimando-os depois, em cerimônia especial, durante a qual ingerem uma bebida que eles mesmo fabricam.

Amigos

Contou o comandante que durante vários meses operou com helicópteros transportando material ao longo da estrada Manaus-Canarana. Devido ao acúmulo de trabalho, sua base era o acampamento da firma Franscon, encarregada das obras, no quilômetro 212, a 45 km da aldeia dos atroaris. De uns tempos para cá os índios começaram a aproximar-se do acampamento procurando contato com os brancos. A princípio o pessoal ficou recioso, mas os engenheiros da obra aconselharam que não demonstrassem medo e não fizessem uso de armas de fogo. Os índios aos poucos foram se aproximando e acabaram por chegar ao centro do acampamento. O pessoal, reunido, tratou de oferecer-lhes roupas, facês e outras ferramentas. Os índios ficaram muito alegres e, sempre rindo, entregaram diversos tipos de objetos de sua fabricação que haviam trazido e abraçavam e beijavam os brancos. A partir daí as visitas tornaram-se frequentes. Eles nunca demonstraram belicosidade.

Expedição

Disse o comandante que poucos dias depois da última visita dos atroaris ao acampamento ele transportou do campo de São Gabriel um casal que se dizia integrante de uma expedição liderada por um padre e que iria manter contato com os índios daquela região. Tratava-se de um contratado do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas e da Srta. Maria das Mercês. Chegaram no dia 14 de outubro, viajando de avião, procedentes de Manaus. Instalados no acampamento, os dois pouco falaram sobre o que pretendiam fazer. Em seguida, foram chegado outros, inclusive Alvaro, o "Mineiro". Todos ficaram no acampamento até o dia 22 de outubro, quando seguiram em canoas em direção à aldeia. Quanto ao Padre Calleri, foi o último a chegar, no dia 21.

Os Atroaris têm grande medo de armas de fogo: quando avisavam uma espingarda ou um revólver saíam correndo. Um tiro no meio da selva representa para eles um grito de guerra.

Durante o pouco tempo em que permaneceu no acampamento — pouco mais de 24 horas — o Padre Calleri afirmou que levava poucos presentes para os índios, pois tentava impor "uma disciplina rigorosa desde os primeiros contatos, a fim de que os silvícolas não ficassem viciados. Quanto a Alvaro, o "Mineiro", estava sempre armado. O Comandante Chediak ressaltou que os atroaris sempre demonstraram grande receio das ar-

mas de fogo. Entravam nas barracas do acampamento, mas quando avistavam uma espingarda ou revólver saíam correndo. Um tiro no meio da selva representa um grito de guerra para os indígenas. Ninguém poderá pensar em contato com os silvícolas, com a ideia de criar uma disciplina rígida desde o início. Eles têm de fiar a vontade, até se acostumarem com a presença do civilizado. Já ainda a acrescentar que a expedição do Padre Calleri, do acordo com o que foi dado verificar, era constituída de pessoas despreparadas para tal missão. A maioria procedia dos quadros de trabalhadores contratados do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, que se ligaram à expedição por espírito de aventura.

Despedida

Lembrou o Comandante Dirceu Chediak, para demonstrar o quanto os índios eram amigos, a visita que fez à aldeia, indígena, no dia 19 de outubro.

Apesar de nos visitarem constantemente, a falta de tempo nos impediu de procurar a aldeia. No entanto, no dia 19, antes do término dos trabalhos da Franscon no Km 212, o engenheiro Cláudio Marques e eu resolvemos visitar os atroaris, para fechar com chave de ouro a tarefa que leváramos a efeito. Quando sobrevoávamos a aldeia, verificamos que os índios estavam alegres e nos acenavam, oferecendo cachos de banana. Ambiente propício, aterrissamos no centro da aldeia. Apesar do receio que demonstravam pelo barulho e pela helice do aparelho, tão logo o motor do helicóptero foi desligado, os índios se aproximaram, cada um deles com um cacho de bananas ou um objeto qualquer para nos dar de presente. O helicóptero ficou no chão que não decolou. Foi preciso eliminar parte da carga. Nesse dia, tivemos, eu e o Sr. Cláudio Marques a oportunidade de ver as mulheres e crianças da tribo. Elas ficaram distancadas, o padre não está em vênus. Muitas carregaram folhas de castas ou ao colo, presos com cipós. Todos andam completamente nus. Quando recebemos encerrar a visita, fomos beijados pelos silvícolas. Pareceu-nos que quisiam que ficassemos mais tempo na aldeia.

Surpresa

Contou o comandante que no dia 21, quando chegou ao acampamento, o Padre Calleri demonstrou interesse em partir logo no dia seguinte. Quería entrar em contato com os índios imediatamente. Quando soube que eram minas, ficou ainda mais arrepiado. No dia 22, a expedição deixou o acampamento rumo à aldeia. O trato lá ser feito em canoas, de tamanho regular.

Até hoje não posso imaginar o que pode ter acontecido. Apesar da confiança que acredito tivesse merecido o Padre Calleri, custo a admitir que os atroaris tenham provocado qualquer desentendimento com a expedição. A bem da verdade, devo dizer que eles pouco se apresentaram armados e no dia em que visitamos a aldeia vimos poucas armas.

O Comandante Chediak afirma que as armas dos atroaris são muito bem confeccionadas. Os arcos medem mais de dois metros de comprimento e as flechas têm pontas de metal. Os facês que eles conseguem com os civilizados são transformados em pontas para as flechas. O Comandante trouxe várias flechas e arcos que ganhou dos silvícolas.

OS CRANIOS DESCARNADOS DAS VITIMAS

ALVARO PAULO DA SILVA E SEUS DESPOJOS